

A FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM CIDADES MÉDIAS BRASILEIRAS: tendências e perspectivas da nova condição urbana em Mossoró/RN e Marabá/PA

SOCIO-SPATIAL FRAGMENTATION IN MEDIUM-SIZED BRAZILIAN CITIES: trends and perspectives of the new urban condition in Mossoró/RN and Marabá/PA

LA FRAGMENTACIÓN SOCIOESPACIAL EN CIUDADES INTERMEDIAS BRASILEÑAS: tendencias y perspectivas de la nueva condición urbana en Mossoró/RN y Marabá/PA

RESUMO

Ao analisar o impacto da globalização e do Pós-fordismo nas cidades da América Latina, estudos têm evidenciado transformações significativas nas formas e conteúdo dos espaços urbanos. Estes trabalhos têm denominado tais fenômenos de fragmentação socioespacial. No Brasil, a fragmentação socioespacial tem-se manifestado por meio de múltiplos eventos, objeto de análise de vários estudos. À luz deste debate, este trabalho propõe-se investigar alguns destes aspectos, ou seja, o surgimento de novas centralidades nas áreas periféricas das cidades, a expansão de “fortificações” residenciais nas periferias, destinadas aos moradores das classes média e alta, ao lado de moradias populares como as do PMCMV, e, novas práticas voltadas ao consumo segmentado no urbano, como *shoppings centers*. A ideia, portanto, é caracterizar estas mudanças em cidades médias brasileiras, aqui representadas pelas cidades de Marabá-PA e Mossoró-RN, utilizando-se de dados e localização de comércio, serviços, espaços de consumo e *habitats*, além dos trabalhos de campo, para a compreensão analítica do fenômeno. Desta forma, este estudo se apresenta, como um dos resultados preliminares da análise contemporânea, do processo de fragmentação socioespacial e da divisão social do espaço urbano.

Palavras-chave: fragmentação socioespacial; cidades médias brasileiras; neoliberalismo; globalização; desigualdades.

ABSTRACT

Studies analyzing the impact of globalization and post-Fordism in Latin American cities have shown significant transformations to the shape and content of urban spaces. These phenomena have been referred to as socio-spatial fragmentation. The fragmentation of Brazil's socio-spatial environment has manifested itself through multiple events, which have been analyzed in several studies. Considering that debate, this paper aims to investigate some of the aspects, i.e. the emergence of new centralities on the outskirts of cities, the expansion of "fortified" housing on the suburbs aimed at people from the middle and upper classes in conjunction with affordable housing such as the PMCMV, and new segmented consumption practices such as *shopping centres*. This is why the idea is to characterize these changes in medium-sized Brazilian cities, as represented here by the cities of Marabá-PA and Mossoró-RN, using trade, service, consumer space and housing data and locations as well as fieldwork to obtain an analytical understanding of said phenomena. As such, this study is one of the initial results of a contemporary analysis into social and spatial fragmentation processes and the social division of urban space.

Keywords: socio-spatial fragmentation; medium-sized cities in Brazil; neoliberalism; globalization; inequalities

 Cleiton Ferreira da Silva ^a

^a Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Presidente Prudente, SP, Brasil.

DOI: 10.12957/geouerj.2024.72496

Correspondência:
cleiton.f.silva@unesp.br

Recebido em: 13 jan. 2023
Revisado em: 25 nov. 2023
Aceito em: 25 nov. 2023



RESUMEN

Al analizar el impacto de la globalización y del posfordismo, en ciudades de Latinoamérica, investigaciones evidencian transformaciones significativas en las formas y contenidos de los espacios urbanos. Estas investigaciones denominan estos fenómenos de fragmentación socioespacial. En Brasil, la fragmentación socioespacial se ha manifestado por medio de múltiples eventos, objeto de análisis de varias investigaciones científicas. A través de este debate, proponemos investigar algunos de estos aspectos, es decir, el surgimiento de nuevas centralidades en áreas periféricas de las ciudades, la expansión de “fortificaciones” residenciales en las periferias, destinadas a los residentes de clase media y alta, ubicadas en las cercanías de los barrios populares, como los del PMCMV y nuevas prácticas direccionadas al consumo segmentado en el urbano, como en los centros comerciales, o *malls*. La idea, por lo tanto, es caracterizar estos cambios en ciudades intermedias brasileñas, representadas por las ciudades de Marabá-PA y Mossoró - RN, con la utilización de datos y localización del comercio, servicios, espacios de consumo y residencias, además de trabajo de campo, para apoyar en la comprensión analítica del fenómeno. De esta forma, esta investigación se presenta como uno de los resultados preliminares de análisis contemporánea, es decir, el proceso de fragmentación socioespacial y de la división social del espacio urbano.

Palabras Clave: fragmentación socioespacial; ciudades intermedias brasileñas; neoliberalismo; globalización; desigualdades.



Introdução

Este artigo tem por objetivo suscitar reflexões acerca do processo de fragmentação socioespacial, em cidades médias brasileiras, a partir da pesquisa em âmbito nacional, envolvendo múltiplas cidades de diversas regiões do país, inseridas dentro do projeto FragUrb¹.

No atual contexto histórico, marcado pelo neoliberalismo e ampliação das desigualdades socioespaciais, diversos estudos analisaram a apropriação desigual do espaço urbano, a expansão de fraturas socioespaciais e a falta de coesão das áreas das cidades como expressões do modo de produção capitalista (PRÉVÔT-SCHAPIRA; PÍNEDA, 2001; SPOSITO; SPOSITO, 2020; MORCUENDE, 2021). Soma-se a relativização da lógica centro-periférica, que convergiu tradicionalmente as cidades brasileiras, dentre elas, as cidades médias aqui discutidas.

Destarte, visando dar continuidade ao debate que vem sendo produzido na literatura especializada no Brasil e, em outros países sobre a fragmentação socioespacial, destacou-se nesse texto, três processos que fortalecem, a partir de pesquisas, a hipótese de que várias transformações na urbanização brasileira está em curso, dentre às quais estão: 1. O surgimento de novas centralidades nas áreas periféricas das cidades, que se diferenciam e segmentam de acordo com a classe social; 2. A divisão social do espaço, pelo surgimento de novas formas de habitar na periferia, seja através dos Espaços Residenciais Fechados (ERF's) (SPOSITO; GÓES, 2013) ou através da habitação popular pelo Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) (LEGROUX, 2021) e; 3. Novas práticas voltadas ao consumo segmentado no espaço urbano, especialmente em cidades médias (DAL POZZO, 2015)².

Para isso, nossas análises basearam-se em duas cidades médias brasileiras: Marabá, sudeste do Pará, e, Mossoró, oeste do estado do Rio Grande do Norte. As cidades escolhidas para análise, consistem tanto pela inserção das mesmas no projeto temático FragUrb, quanto pelas distintas formações socioespaciais que elas possuem (SANTOS, 1977). A investigação destas cidades, em contextos socioespaciais diferenciados, nos auxiliará a contextualizar a fragmentação socioespacial e as tendências contemporâneas de urbanização, na

¹ Projeto Temático "Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos e formas" (Processo FAPESP: 18/07701-8).

² A inserção destes três elementos para caracterizar a dimensão da urbanização contemporânea, dialoga com os seguintes recortes analíticos do projeto FragUrb: a) centro, centralidade e mobilidade, b) a produção e consumo da cidade e, c) cotidiano e práticas espaciais. Cujos objetivos são, respectivamente: 1. Analisar a passagem da lógica socioespacial predominantemente centro-periférica para a lógica socioespacial fragmentária, 2. Identificar e analisar o papel das instituições políticas, dos agentes econômicos hegemônicos e dos sujeitos sociais não hegemônicos na produção e consumo da habitação, sob a lógica socioespacial fragmentária e, 3. Interpretar a fragmentação socioespacial por meio das formas contemporâneas de diferenciação e desigualdade, a partir das práticas associadas ao cotidiano urbano (SPOSITO, 2018, p. 10-11).



qual a divisão social do espaço, a ampliação de diferenciações no tecido urbano e a apropriação desigual, têm modificado práticas espaciais, processos e formas urbanas.

Para sustentar a discussão acerca do processo de fragmentação socioespacial nas cidades aqui analisadas, procurou-se também realizar uma síntese cartográfica dos dados no âmbito do projeto. Esta síntese se manifesta sob a forma de mapeamentos com as seguintes informações: localização dos aglomerados subnormais³, *habitats* populares, através do PMCMV, *habitats* de médio / alto padrão por intermédio dos ERF's, e, áreas centrais e da expansão urbana, revelando, portanto, possíveis policentralidades. Concomitantemente, a sistematização de dados sobre comércio e serviços, a espacialização dos *habitats* com a identificação de espaços de consumo como *shoppings centers*, além dos trabalhos de campo (nos anos de 2019 e 2022), também ajudaram a fomentar o debate teórico-conceitual.

Parte-se do pressuposto, portanto, que as mudanças em curso, aqui representadas pela fragmentação socioespacial, não sugerem a redução das desigualdades nas cidades médias, pelo contrário, as ampliam e as reforçam, por intermédio das distâncias territoriais e simbólicas (consumo, acesso a serviços básicos etc.) e dos conflitos entre seus cidadãos.

A fragmentação socioespacial: concepções sobre o espaço urbano

É no bojo das transformações recentes do capitalismo, que Morcuende (2021) debate a fragmentação socioespacial e sugere a ascensão de novas dinâmicas e processos (a partir dos anos de 1970), para sustentar mudanças no espaço urbano contemporâneo. Para ele, há tendências históricas que vem alterando as relações espaço e sociedade, quais sejam: a queda do projeto moderno e ascensão de uma nova ordem política, econômica e social, a crise do capitalismo, e, os processos de urbanização diferencial, com a chamada urbanização planetária (BRENNER, 2018), ou ainda, por uma nova condição urbana, mediante o protagonismo dos espaços comerciais e de consumo (PEREIRA, 2020).

Ao mesmo tempo, estudos recentes têm pontuado processos de fragmentação, fraturas no espaço urbano e compartimentações cada vez mais agudizadas da vida cotidiana (SPOSITO; SPOSITO, 2020; LEGROUX, 2021; MORCUENDE, 2021).

No atual contexto histórico, marcado pelo neoliberalismo e ampliação das desigualdades socioespaciais por meio da acumulação flexível (HARVEY, 2004), diversas pesquisas têm analisado a

³ Em 2024, o IBGE alterou esta denominação para Favelas e Comunidades Urbanas. A manutenção do termo neste estudo, remete-se ao período anterior quando da sua elaboração e conclusão". [Favelas e Comunidades Urbanas: IBGE muda denominação dos aglomerados subnormais | Agência de Notícias](#)



apropriação desigual do espaço urbano, a expansão de fraturas socioespaciais e a falta de coesão das áreas das cidades como expressões da dinâmica atual do modo de produção capitalista (PRÉVÔT-SCHAPIRA, 2001; RHEIN; ELISSALDE, 2004). Em estudo sobre as metrópoles, Duhau e Giglia (2008) sustentam que a localização dos sujeitos e residentes em um determinado espaço, é considerada como um efeito e, ao mesmo tempo, como resultado de sua posição social e cultural. Há relação, portanto, entre a cidade capitalista moderna e a divisão social do espaço (PRÉVÔT-SCHAPIRA; PÍNEDA, 2001).

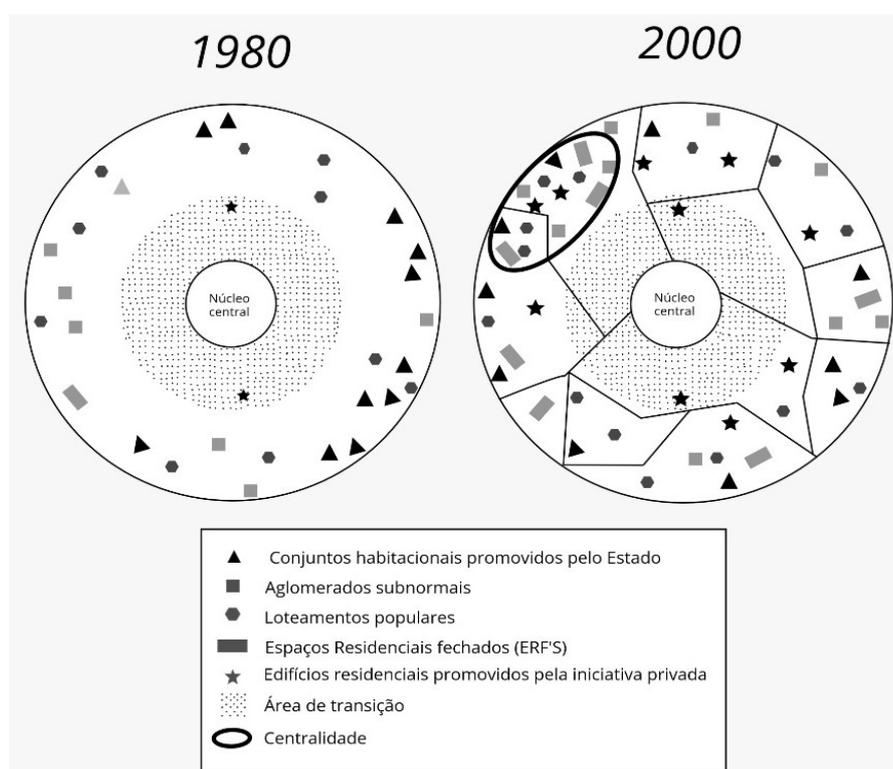
A amplitude das separações, fraturas e separabilidades no espaço urbano é um fenômeno corrente, logo, tem-se subvertido a lógica centro-periférica para a lógica fragmentária (LEGROUX, 2021), com coexistência de classes sociais antagônicas na periferia, mas não se refletindo no usufruto e apropriação homogênea da cidade. Há, na verdade, luta de classes, apropriação desigual de renda e divisão do trabalho que se evidencia no consumo, no lazer, no trabalho e no usufruto do espaço público. Constrói-se, sistematicamente, novos mecanismos de separabilidade, através dos muros, controle e vigilância (SPOSITO, 2019) ou através da mobilidade, na medida em que ela pode ampliar esta fragmentação, uma vez que os setores sociais mais favorecidos podem evitar ou eleger distintos espaços, movimentando-se dentro de um auto blindado (DUHAU; GIGLIA, 2008).

Nesta circunstância, Teresa Salgueiro (2001) sinaliza as características da construção da cidade fragmentada, quais sejam: a multiplicação de novas centralidades, a importância dos produtores imobiliários com o surgimento de áreas mistas, destinadas ao comércio, serviços e moradia e, o surgimento de enclaves socialmente dissonantes no seio de tecidos urbanos, com certa homogeneidade social, através dos ERFs, os chamados enclaves fortificados (CALDEIRA, 2000). Ao analisar a realidade dos países capitalistas periféricos, como as cidades latino-americanas, verifica-se que a pobreza, a segregação, a fragmentação, a violência e a desordem, não são, unicamente, um produto da globalização (DUHAU; GIGLIA, 2008), elas são alimentadas por um passado colonial e de contradições sociais históricas, cujas dimensões políticas e culturais, possuem forte implicação na fragmentação socioespacial (SPOSITO, 2019).

Neste contexto supracitado, tentou-se esquematicamente (Figura 01), mostrar formas e processos evolutivos da fragmentação socioespacial na América Latina, mais especificamente nas cidades brasileiras. Para isso, focou-se, em formas habitacionais (*habitats*) e processos de espraiamento e de periferização destes *habitats*, para não se mostrar exaustivo e trazer imprecisões com excesso de informações em demais fenômenos que poderiam ser retratados. Aportando-se, ao mesmo tempo, na literatura sobre o tema (CALDEIRA, 1997; 2000; CORRÊIA, 2005; D'ANDREA, 2020; HARRIS; ULLMAN, 2005; VASCONCELOS, 2013; SPOSITO; GÓES, 2013).

A figura 01 traz a caracterização das formas habitacionais até a década de 1980, ou seja, o processo de dispersão para a periferia, especialmente pela classe trabalhadora, com precárias condições de transporte, saneamento e serviço de saúde, com incidência da violência, subemprego e ausência de infraestruturas (KOWARICK, 1979; MARICATO, 1982). Tal movimento só foi possível, essencialmente, pela disponibilidade de terras baratas e edificáveis, e, certa ineficácia do Estado para a promoção de habitação popular.

Figura 01: *Habitats e Fragmentação Socioespacial*



Elaboração: Cleiton Ferreira, 2022.

Nestas áreas periféricas avolumaram-se também conjuntos habitacionais promovidos pelo Estado (através do Banco Nacional de Habitação - BNH), aglomerados subnormais⁴ e loteamentos populares (CORRÊIA, 2005), estes dois últimos teriam (e têm) desencadeado as chamadas autoconstruções⁵, como uma das principais formas de acesso à casa própria pelos pobres. Trata-se de um padrão centro-periférico (CALDEIRA, 2000), e, essencialmente radial concêntrico (HARRIS; ULLMAN, 2005), onde ocorrem “zonas de

⁴<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?=&t=acesso-ao-produto>

⁵ “Desde a década de 40, as classes trabalhadoras vêm construindo suas próprias casas nas periferias urbanas por meio da autoconstrução — compram lotes baratos em áreas distantes da cidade sem infra-estrutura nem serviços, freqüentemente envolvendo alguma ilegalidade, e passam décadas construindo a casa de seus sonhos. Desta forma, os pobres urbanos se tornaram proprietários e consumidores, construíram suas casas e expandiram a cidade” (CALDEIRA, 1997, pág. 157).



transição” entre o núcleo central⁶, compostos por áreas históricas e áreas decadentes (VASCONCELOS, 2013) ou o centro tradicional (D’ANDREA, 2020) e a periferia.

Estas “zonas de transição” sofreram tentativas de definições, ora como subúrbio com D’Andrea (2020), num texto em que tenta caracterizar o conceito de periferia na cidade de São Paulo, ou, ainda, com Vasconcelos (2013), de forma sublimar, onde denominou de bairros residenciais afluentes. A incidência dos *habitats* residenciais fechados em menor grau na figura (mas em processo incipiente de expansão) remeteu ao que explicitou a literatura, seja em metrópoles, a partir da segunda metade de 1970, como na cidade de São Paulo (CALDEIRA, 1997)⁷ ou em cidades médias como Marília, São Carlos e Presidente Prudente no estado de São Paulo (SPOSITO; GÓES, 2013).

A multiplicação de *habitats* pós anos 2000, coadunou com o surgimento de centralidades na periferia, especialmente para atender as classes mais abastadas, através de *shoppings*, escritórios, galerias, faculdades etc. Concomitantemente, houve um reaquecimento e expansão do mercado imobiliário, com participação estatal, através do PMCMV nas áreas periféricas, onde a mobilidade, a infraestrutura e os serviços, são entraves para a habitabilidade da população pobre. Já os edifícios residenciais, promovidos pela iniciativa privada, para atender as classes média e alta, tem se instalado em áreas dotadas de infraestrutura e serviços públicos e privados.

Paralelamente, a proliferação de enclaves fortificados tem sintetizado a necessidade de separabilidade de seus moradores para os indesejáveis, ou seja, o isolamento, a evitação do espaço público e a necessidade da homogeneidade social interna (CALDEIRA, 1997)⁸.

Contraditoriamente, avolumam-se aglomerados subnormais que resultaram das crises econômicas pós 2015, e, intensificadas com a Covid-19, o desemprego e/ou subempregabilidade, além de altas taxas de inflação incidindo no preço do aluguel⁹. Todavia, paradoxalmente, com a pandemia e a flexibilização do *home office*, houve reaquecimento na venda de lotes em ERF’s de alto padrão para garantir a “segurança” do isolamento social, com aumento das vendas em 2020, seja em São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro ou em Goiânia (MEGAEMPREENHIMENTOS, 2021)¹⁰.

⁶ Este núcleo central vem observando um processo ora de abandono, deterioração e gentrificação, ora de remodelação urbana e incorporação de novos prédios de apartamentos para as classes média/alta, especialmente *studios* e *flats* por instituições imobiliárias-financeiras.

⁷ A autora analisa anúncios de condomínios fechados publicados no jornal *O Estado de São Paulo* entre 1975 e 1995.

⁸ Segundo Caldeira (1997) a relação que os moradores destes *habitats* desejam possuir com os habitantes de áreas pobres é de subalternidade destes últimos, para explorar a força de trabalho precarizada na execução de trabalhos domésticos e manutenção do próprio condomínio.

⁹ <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/04/sem-dinheiro-para-o-aluguel-familias-formam-novas-favelas-em-sp.shtml>

¹⁰ O site traz informações percentuais de cada cidade, extraídas dos principais segmentos da construção civil do país, como Associação Brasileira de incorporadoras imobiliárias (ABRAINC), Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário da Bahia (ADEMI),



Por fim, a representação da fragmentação no espaço urbano na figura supracitada (vetores de linhas mistas), dos objetos “partidos”, da separabilidade, ou das fraturas entre as peças, baseiam-se na interpretação elaborada por Vasconcelos (2013) e Chatel et. al (2022). Desta forma, a fragmentação socioespacial é o retrato de um espaço urbano dispare, complexo e mais desigual, que vem se materializando na periferia das cidades contemporâneas, com repercussão também nas cidades médias.

Desta forma, para sistematizar a dimensão teórica e as características que compõem as cidades médias brasileiras, a partir do processo de fragmentação socioespacial, apoiou-se no tópico seguinte, em estudos contemporâneos, com o intuito de abarcar a dimensão empírica que está estruturado neste texto.

O estudo da fragmentação socioespacial e as cidades médias brasileiras

Para se investigar processos da fragmentação socioespacial nas cidades médias brasileiras, é importante destacar aqui neste estudo, que estas cidades¹¹ incorporam uma lógica mundial, com forte relação entre a reestruturação produtiva e a compressão espaço-temporal (HARVEY, 2004). Tais processos interferem na redefinição permanente da rede urbana, no potencial industrial ou mesmo de seu papel funcional no quadro regional. Logo, o que se tem percebido, também, são as especificidades do processo de descentralização da urbanização, bem como o papel que elas exercem na divisão social do trabalho (SANTOS, 1993).

Diante deste contexto, a fragmentação socioespacial tem sido analisada nas cidades médias, como comportamentos contemporâneos da urbanização e a conformação de territórios descontínuos, com formas menos integradas territorialmente (SPOSITO; GÓES, 2013). Dal Pozzo (2015), por exemplo, sugere que nas cidades médias a fragmentação ocorre com menos intensidade, mas com especificidades próprias.

Vários trabalhos têm sido realizados para constatar o processo de fragmentação socioespacial em cidades médias (MAGRINI, 2013; SPOSITO; GÓES, 2013; DAL POZZO, 2015; BENDER, 2022). Entretanto, o foco aqui neste estudo recai em três processos que têm caracterizado a produção da fragmentação socioespacial no tecido urbano destas cidades. O primeiro aspecto é o surgimento de novas centralidades, que ascende no esteio da expansão urbana; a segunda característica apontada, é o surgimento de novas práticas de consumo segmentadas pelo padrão e nível socioeconômico dos seus habitantes e; a terceira, se caracteriza na divisão

Sindicato da Habilitação (SECOVI-SP), Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (ABECIP) e Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE).

¹¹ A definição de cidades médias neste estudo leva em consideração a característica de polo, de funções e importância de comando frente a outras cidades, e não pelo seu contexto populacional, definida pelo porte a partir do número de habitantes, como alguns estudos sugerem. Sobre este assunto, ver o trabalho de Maria E. Beltrão Sposito (2001).



social do espaço e surgimento de novas formas de habitar na periferia, seja pelos segmentos de médio e alto padrão, seja pelos *habitats* populares.

O surgimento de novas centralidades, por exemplo, especialmente em áreas periféricas, reforça processos de descontinuidades territoriais, com a ascensão de novas áreas de consumo (DAL POZZO, 2015) ou pensadas para gerar mais-valor (SILVA; TEIXEIRA; SPOSITO, 2021). É característico, por exemplo, a ascendência da policentralidade, com o surgimento de grandes superfícies de comércio e serviços (*shoppings centers*, hipermercados, negócios, serviços etc.), em muitas circunstâncias com grau de segmentação, que atende a um público seletivo e específico (SPOSITO; GÓES, 2013; SILVA; TEIXEIRA; SPOSITO, 2021). Estes pressupostos têm resultado numa seletividade espacial (CORRÊA, 2007), em grande medida, com maior competitividade com o centro principal e a perda mais acentuada de seu prestígio (Ibid, p. 127).

A segmentação do consumo na cidade, intrínseca ao processo acima mencionado, é resultante da lógica de “separar” os moradores de diferentes níveis socioeconômicos, por meio das relações cotidianas que envolvem, a partir do consumo de bens e serviços nos diferentes espaços da cidade (DAL POZZO, 2015). A localização dos *shoppings centers* nas proximidades dos ERF's sugerem o direcionamento de atendimento aos moradores destes espaços residenciais (COLNAGO; SANTOS, 2018), como evidenciado, por exemplo, em Presidente Prudente e Ribeirão Preto (SILVA; TEIXEIRA; SPOSITO, 2021). Por outro lado, a temporalidade, o uso e o tipo de consumo são segmentados, de acordo com o nível socioeconômico dos frequentadores, como observados em Mossoró (TEIXEIRA; SILVA; PEREIRA, 2022).

Outro aspecto importante que reforça a fragmentação socioespacial, é a divisão social do espaço e o surgimento de novas formas de habitar na periferia das cidades médias, seja para atender aos segmentos de médio e alto padrão ou para atender aos segmentos dos *habitats* populares, representados pela ação do Estado através do PMCMV (SPOSITO; GÓES, 2013; TEIXEIRA; SILVA; PEREIRA, 2022).

Os espaços autosegregados instalados no anel periférico das cidades, representados pelos ERF's, reproduzem uma contiguidade, mas com descontinuidades territoriais com o conjunto da cidade, através de um rigoroso sistema de vigilância interno, na busca pela interação com “os iguais”, a partir do perfil socioeconômico dos moradores, pela segmentação do consumo do espaço urbano, pelo medo da violência como discurso, onde o usufruto dos espaços públicos são relativizados em favor de espaços de consumo e lazer privados (MAGRINI, 2013; SPOSITO; GÓES, 2013; DAL POZZO, 2015). Por outro lado, estudos recentes têm demonstrado processos de fragmentação, a partir de uma “segregação imposta” por dinâmicas imobiliárias e neoliberais da produção do espaço e pela ação do Estado, desde projetos do PMCMV, com o confinamento e o afastamento espacial e social das classes populares (LEGROUX, 2021).



Portanto, ampliam-se fraturas, fragmentos e segmentações na cidade contemporânea, de modo que estes fenômenos acima explicitados, demonstram fatos que sinalizam o processo de fragmentação socioespacial nas cidades médias. A discussão deste debate teórico-conceitual se complementa com a análise espaço-temporal sobre as cidades médias Marabá e Mossoró, cuja investigação será feita a seguir.

Lógica urbana fragmentária e cidades médias: uma análise sobre Marabá-PA e Mossoró-RN

As cidades escolhidas para análise, basearam-se tanto pela inserção das mesmas no projeto temático FragUrb, quanto pelas distintas e específicas formações socioespaciais (SANTOS, 1977). A análise destas duas cidades médias permitiu contextualizar a fragmentação socioespacial e as tendências contemporâneas de urbanização, na qual a divisão social do espaço e a ampliação de diferenciações no tecido urbano, têm modificado práticas espaciais, processos e formas urbanas (CORRÊA, 2007).

Marabá é uma cidade média, localizada no sudeste do Pará, às margens dos rios Tocantins e Itacaúnas e é uma das sub-regiões mais dinâmicas e conflituosas da Amazônia Oriental. A população da cidade no último censo foi de 266.536 habitantes (IBGE/CIDADES, 2022). Sua ocupação remonta às atividades extrativistas, ainda como distrito do município de São João do Araguaia no século XIX, com extração da castanha e cacho, esta última atividade, responsável pela chegada de grande leva de migrantes, especialmente do Maranhão (LEÃO, 2014). Posteriormente, Marabá tornou-se um importante entreposto comercial e de transporte, conectada à rede urbana paraense e de Belém (TRINDADE JÚNIOR et. al., 2016).

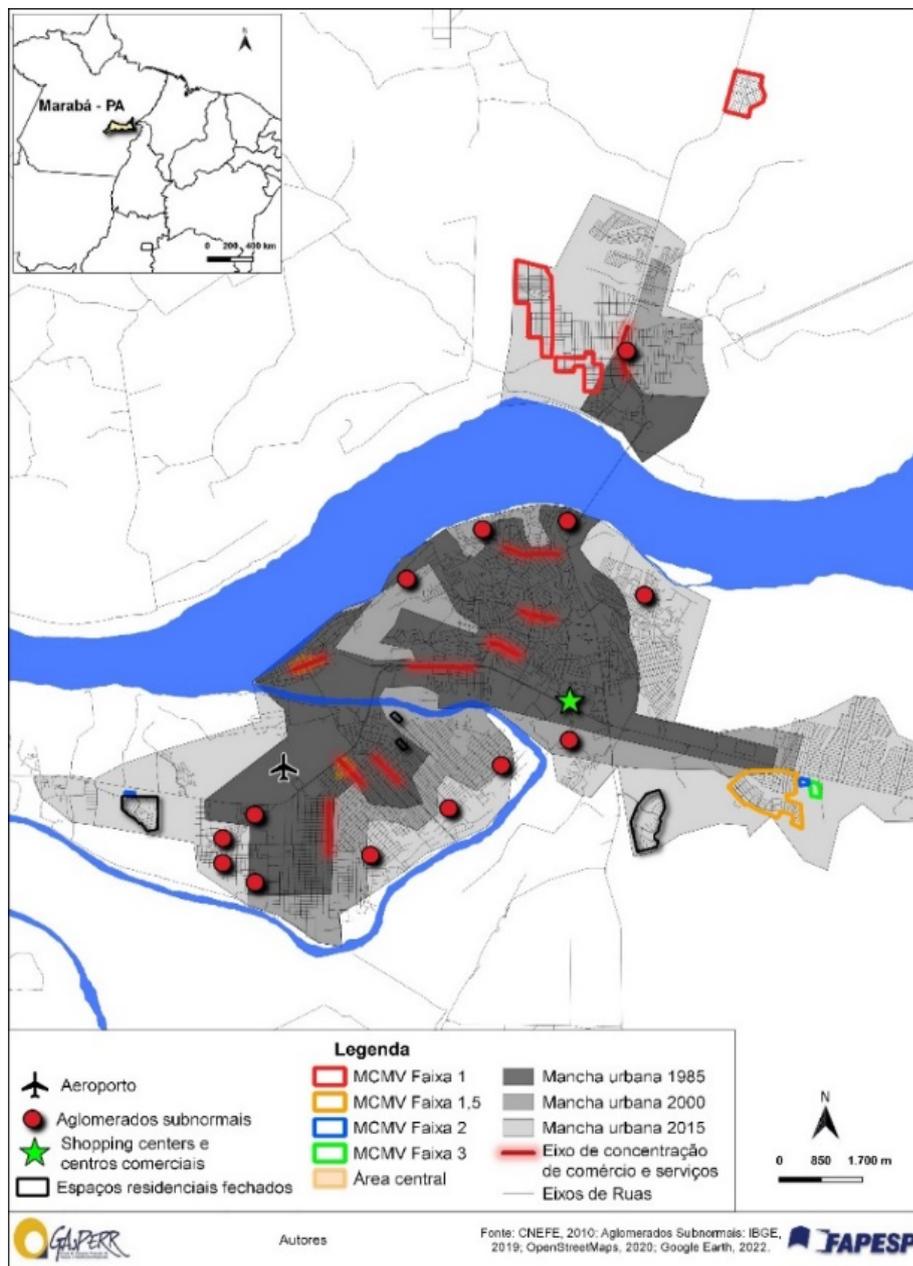
Se antes os núcleos de ocupação resumiam-se a Marabá pioneira (ou velha Marabá) e São Félix, a implantação de eixos rodoviários contribuíram para novos padrões de assentamentos. Uma destas rodovias é a Transamazônica, que em 1971, atravessou a cidade, fomentando a ocupação em Nova Marabá e Cidade Nova (LEÃO, 2014). Outro fator importante, foram os projetos de assentamentos e colonização agrícolas (agrovilas, agrópoles e rurópoles) na década de 1970, com base no planejamento governamental da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), para atender os fluxos migratórios que chegavam à Marabá (atraídos por Serra Pelada e o Projeto Grande Carajás) e os contingentes da Marabá Pioneira (núcleo sujeito a cheias). Houve ainda, a intensificação de investimentos governamentais e órgãos como o INCRA e DNER, a extração madeireira, pecuária e o avanço do capital financeiro e industrial nos últimos anos.



O impulsionamento na década de 1980 foi amplificada pela ação da empresa de extração mineral Vale do Rio Doce e de siderúrgicas, com fortes incentivos governamentais, passando a ser conhecida como uma “cidade econômica corporativa” (TRINDADE JÚNIOR et. al., 2016). Atualmente, a cidade possui cinco núcleos urbanos, que foram se consolidando, são eles: Velha Marabá, Nova Marabá, Cidade Nova, São Félix e Morada Nova.

A atividade econômica e a possibilidade de expansão do extrativismo mineral e siderurgia, aqueceram o mercado imobiliário local e a expansão urbana (em torno de 35% entre 2009 e 2013), com empreendimentos imobiliários, loteamentos urbanizados, condomínios fechados e PMCMV (SOUZA, 2015). Ao mesmo tempo, atividades econômicas e a ação do Estado, induziram a conformação de vetores de expansão, ao longo de décadas, e, padrões policêntricos, mais especificamente nos núcleos Nova Marabá e Cidade Nova, especificamente nas rodovias que cruzam as cidades (PA-150 e Transamazônica) (LEÃO, 2014). Nestes locais ampliaram-se eixos de concentração de comércio e serviços, como supermercados, aglomerações varejistas, lojas de departamento e *Shopping Center*, caracterizando-se pela segmentação do consumo pelos cidadãos (Figura 02).

Figura 02: Marabá, Pará: expansão urbana, comércio, serviços e *habitats*



Fonte: CNEFE, 2010; Aglomerados subnormais, IBGE, 2020; Google Earth, 2022.

Sposito e Góes (2013), por exemplo, sinalizam que o aparecimento de novas áreas comerciais e serviços, em muitas circunstâncias “dissonantes” do conjunto da cidade, apontam para o processo de fragmentação socioespacial, uma vez que estes estabelecimentos compõem centralidades que alcançam a escala intraurbana, com atração de consumidores de outras cidades e, ao mesmo tempo, sinalizam a existência de grandes capitais nacionais e internacionais, através das marcas e franquias que se globalizam.

Diametralmente, estudos têm demonstrado padrão de segregação socioespacial dos mais pobres, especificamente no que concerne à habitação, na ocupação de áreas periféricas¹², através dos aglomerados subnormais e dos empreendimentos do PMCMV (Figura 03), com sérias limitações de habitabilidade, como ausência de equipamentos de saúde, educação e sistema de esgoto (SOUZA, 2015; LEÃO, 2014).

Figura 03: *Habitats* em Marabá, PA



Figuras: 1 e 2 - Residencial Magalhães (PMCMV); 3 - Aglomerado subnormal; 4- Espaço Residencial Fechado (ERF) Mirante Riviera. Fontes: HF Engenharia Premium, 2022; Mirante Empreendimentos, 2022; Pablo Bender, 2019; Cleiton Ferreira, 2019.

Por sua vez, a cidade de Mossoró, situada no oeste do estado do Rio Grande do Norte, nordeste brasileiro, possui uma população de 264.577 habitantes (IBGE/CIDADES, 2022). Nos séculos XIX e XX, as atividades salineiras e de oleaginosas, incrementaram o crescimento populacional e a formação de um centro regional, com instalação de indústrias e agroindústrias, atreladas à expansão agrícola, além do fortalecimento do papel da cidade como centro distribuidor e sede industrial (ROCHA, 2005). A forte participação do Estado fomentou o desenvolvimento de novas atividades econômicas, através do petróleo e a fruticultura irrigada, dinamizando outros setores da economia entre 1980 e 1990 (SOARES, 2015). Houve diversificação do comércio, serviços e crescimento do PIB, alterando consequentemente, o espaço urbano e o setor imobiliário, através de novas áreas residenciais, áreas de consumo (grandes centros comerciais) situados em áreas periféricas.

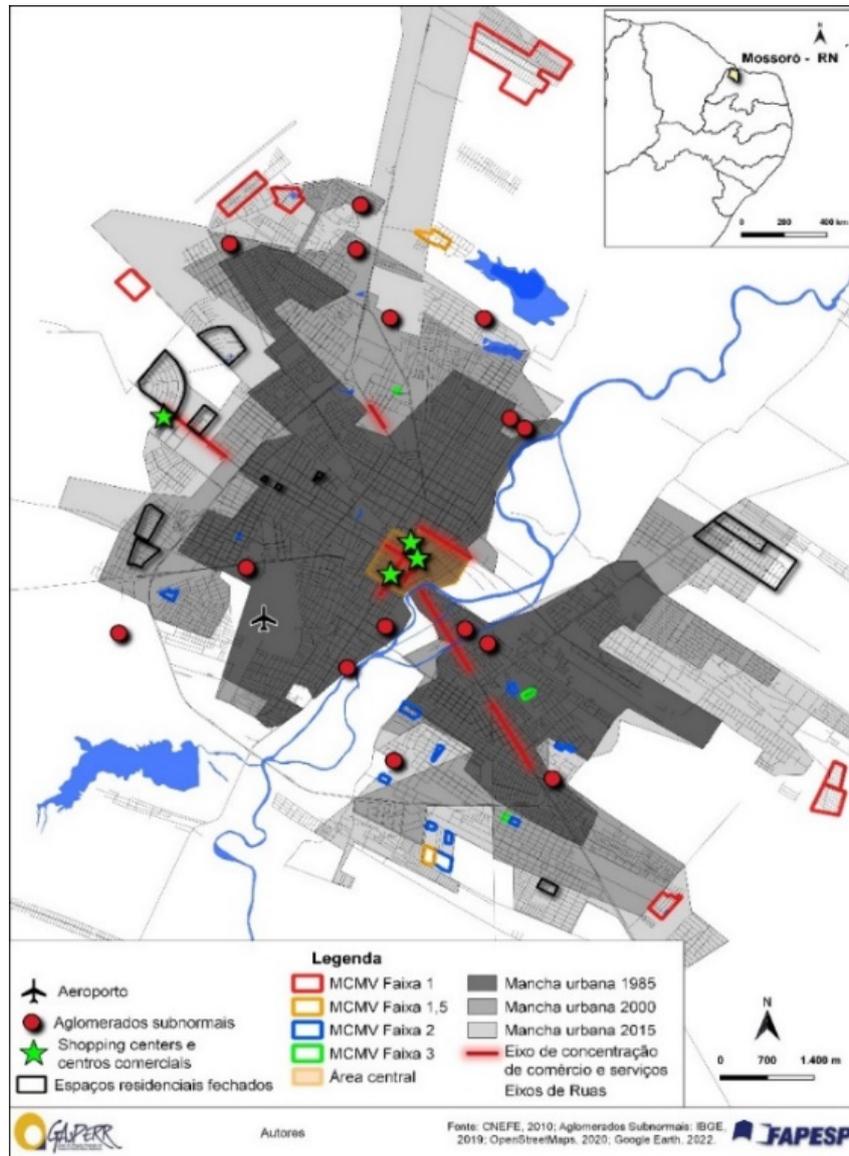
¹² Movimento semelhante tem acontecido em várias cidades médias, ou seja, expansão do núcleo urbano, a partir dos planos diretores e incorporação de antigas propriedades rurais para lançamento de empreendimentos imobiliários por empresas do ramo.



Nos anos 2000, as zonas oeste e sudoeste obtiveram diversas intervenções por parte do Estado, como expansão da avenida João da Escóssia¹³, eixo estruturador de interligação com o centro da cidade, atraindo diversos investimentos como o *shopping Partage*. Esses projetos favoreceram a implantação de escolas, faculdades privadas, escritórios, serviços, comércio e condomínios fechados como o Alphaville em 2008, com expansão de um mercado voltado para as classes altas, aumento do valor da terra e intensificação da especulação imobiliária (COUTO, 2017) (Figura 04) e, paralelamente, com a periferização dos pobres em condições precárias de habitabilidade, intensificadas pelo surgimento dos diversos empreendimentos do PMCMV e aglomerados subnormais (SILVA, 2020; TEIXEIRA; SILVA; PEREIRA, 2022) (Figura 05).

¹³ O principal bairro desta nova centralidade é o Bela Vista, sendo resultante do desmembramento de outros dois, isto é, Nova Betânia e Dix-Sept Rosado, instituído pela Lei Municipal nº 2.774 de 2011. Esta lei definiu os limites geográficos da cidade (MELO, 2013).

Figura 04: Mossoró, Rio Grande do Norte: expansão urbana, comércio, serviços e *habitats*



Fonte: CNEFE, 2010; Aglomerados subnormais, IBGE, 2020; Google Earth, 2022.

Figura 05: *Habitats* em Mossoró, RN



Figuras: 1 - Residencial Mossoró (PMCMV); 2 - Espaço Residencial Fechado (ERF)-Alphaville Mossoró; 3 - Aglomerado subnormal-Favela do Fio; 4 – Edf. Spazio di Florença. Fontes: Prefeitura de Mossoró, 2022; Alphaville Mossoró, 2022; Massai Construtora, 2022; Mossoró Notícias, 2021.

Desta maneira, estas cidades experimentam o surgimento de novas centralidades, que tem promovido o aparecimento de descontinuidades territoriais, através da ascensão de novas áreas de consumo (DAL POZZO, 2015). Ao mesmo tempo, a expansão urbana ditadas, essencialmente, pelos promotores imobiliários, tem intensificado a proliferação de ERF's e edifícios de médio e alto padrão. Os aglomerados subnormais, as habitações populares na periferia da cidade, vêm somar-se a um processo de fraturas no espaço urbano, com divisão social do espaço e segmentação do uso e apropriação da cidade, com formas e temporalidades diferentes pelo poder econômico (TEIXEIRA; SILVA; PEREIRA, 2022; BENDER, 2022).

Aceleram-se, portanto, processos de auto isolamento e fechamento das classes médias e altas (LEGROUX, 2021), com novas formas de DIFERENCIAÇÃO¹⁴ (*grifo da autora*) socioespacial (SPOSITO, 2019) e isolamento dos mais pobres, através da institucionalização da política nacional de habitação popular, por exemplo.

¹⁴ A diferenciação aqui tratada por Sposito (2019) reforça a distinção através do prestígio social, pelos indivíduos que vivem nestes *habitats*, ou seja, a separabilidade e diferenças dos “indesejados” ou dos que não se enquadram no perfil dos moradores.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se tem verificado nestas cidades é a expansão urbana, ditada por setores imobiliários com aporte do Estado, ao longo dos anos. Ampliam-se processos de periferização da população, com a complexificação e a diversificação dos *habitats*, o surgimento de novas centralidades e espaços segregados de consumo. Estes processos têm contribuído para a superação da lógica centro-periférica que sustentou historicamente, a expansão urbana das cidades latino-americanas, convergindo para uma lógica fragmentária, com separabilidades do tecido urbano, fraturas e divisão social do espaço. A fragmentação socioespacial, portanto, intensifica os antagonismos entre os sujeitos e as redes que disputam e separam o espaço urbano, ampliando a divisão social na cidade.

A cidades médias brasileiras, têm sido objeto de análises e reflexões que sugerem processos de fragmentação socioespacial em curso, seja pela multiplicidade de *habitats*, na convergência de policentralidades e na segmentação de espaços de consumo. No âmbito do projeto FragUrb, as cidades de Mossoró e Marabá tem refletido esta lógica que se expande, sob a perspectiva de uma urbanização contemporânea contraditória, com espaços periféricos segmentados social e espacialmente, onde a forma do usufruto, da temporalidade e da apropriação da cidade, é diretamente definida pela diferenciação social e econômica que os cidadãos possuem.

Novas centralidades surgem nestas cidades, mas são áreas essencialmente com segmentação do consumo e serviços (para as classes média/alta), paralelamente, os *habitats* ERF's representam esta busca da separabilidade, a convivência entre os "iguais", cujas necessidades são muitas vezes disponibilizadas/resolvidas dentro do próprio condomínio (ou pelo transporte individual). A ocorrência dos conjuntos PMCMV nesta periferia, são associados à ineficiência/inexistência da infraestrutura básica, do distanciamento da área de consumo e dos serviços e da limitação da mobilidade (como o transporte público), com rebatimento no usufruto da cidade.

Imaginarmos alternativas ao modelo de desenvolvimento capitalista nas nossas cidades, é um exercício permanente de contraposição a uma lógica excludente e contraditória, uma vez que é perceptível a ampliação destes elementos em meio ao contexto pós-pandêmico no país, de crescimento e maior visibilidade da pobreza urbana da população mais vulnerável. Esta complexificação contraditória é mais uma face da incongruência do capitalismo, que tem se manifestado nas cidades médias brasileiras, ao mesmo tempo, em que se evidenciam e ascendem análises que pensam a superação dessas contradições por espaços mais justos. Estas perspectivas, indubitavelmente, são os caminhos a serem atingidos.



REFERÊNCIAS

- BENDER, Pablo. Fragmentação socioespacial e temporal do espaço público em Chapecó, Mossoró e Marabá. **Revista Invi**. Volume 37, n. 106, nov. 2022.
- BRENNER, Neil. **Espaços da urbanização**: o urbano a partir da teoria crítica. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2018.
- CALDEIRA, Teresa P. do Rio. Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, n.47, p.155-176 mar, 1997.
- CALDEIRA, Teresa P. do Rio. Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. **Cidade de muros**. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2000.
- COLNAGO, Ellen T. Pedriali; SANTOS, Eliane Silva. Espaços de consumo e lazer (shopping centers): uma discussão sobre a centralidade urbana e a fragmentação socioespacial. **InterEspaço**, Grajaú/MA v. 4, n. 14 p. 122-144 Mai/ago. 2018.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais. **Cidades**, Presidente Prudente, v. 4, n. 6, 2007, p. 61-72.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4. ed., São Paulo: Ática, 2005.
- CHATEL, Cathy; MIYAZAKI, Vitor; TEIXEIRA, Vanessa. M. de L; SPOSITO, Eliseu S. Representação Cartográfica da fragmentação socioespacial. In: GÓES, Eda Maria; MELAZZO, Everaldo S. (org.). **Metodologia de pesquisa em estudos urbanos**: procedimentos, instrumentos e operacionalização. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2022.
- COUTO, Edna Maria Jucá. **As cidades médias e suas múltiplas particularidades**: produção e consumo do espaço urbano em Marília-SP e Mossoró-RN. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Presidente Prudente, 2016. p.
- D'ANDREA, Tiaraju. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos estud. CEBRAP, SÃO PAULO**, V39, n. 01, 19-36. jan–abr. 2020.
- DAL POZZO, Clayton Ferreira. Fragmentação socioespacial: práticas espaciais do consumo segmentado em Ribeirão Preto e Presidente Prudente. **Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege)**. p.279-324, V.11, n.16, jan-jun.2015.
- DUHAU, Emilio; GIGLIA, Angela. **Las reglas del desorden**: habitar la metrópoli. México: Século XXI Editores, Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Azcapotzalco, 2008. 570 p.
- HARRIS, Chauncy; ULLMAN, Edward. A natureza das cidades. **Cidades**, Presidente Prudente, v. 2, n. 3, p. 145-163, 2005.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 13 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/maraba/panorama>. Acesso em: 18 nov. 2022.
- KOWARICK, L. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LEGROUX, Jean. A lógica urbana fragmentária: delimitar o conceito de fragmentação socioespacial. **Caminhos de Geografia**. v. 22, nº. 81, jun./2021, p. 235-248. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/55499/31706>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- LEÃO, Renato Freitas de Castro. **O programa minha casa, minha vida e a expansão urbana na cidade de Marabá- PA**: um estudo dos núcleos São Félix e Morada Nova. 2014. 119f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Tecnologia, Belém, 2014.
- MAGRINI, Maria Angélica. **Vidas em enclaves**: imaginário das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2013. 488 f.



- MARICATO, Ermínia (Org.). **Autoconstrução**: A arquitetura possível. A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial. São Paulo: Alfa Omega, 1982.
- MEGA EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS. **Condomínio fechado**: Como o mercado aqueceu durante a pandemia. Disponível em: [Condomínio fechado: Como o mercado aqueceu durante a pandemia | Mega Empreendimentos](#). Acesso em: 31 out. 2022.
- MORCUENDE, Alejandro. Por trás das origens da fragmentação socioespacial. **Mercator**, Fortaleza, v. 20, julho 2021. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e20022>>. Acesso em: 20 dez. 2022.
- PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. **A nova condição urbana: espaços comerciais e de consumo na produção e reestruturação da cidade**. Curitiba: Appris, 2020.
- PRÉVÔT-SCHAPIRA, Marie-France. Fragmentación espacial y social: conceptos e realidades. **Perfiles Latinoamericanos**, n.19, p. 33-56, dez. 2001.
- RHEIN Cathérine, ELISSALDE Bernard. La fragmentation sociale et urbaine en débats. **Information Géographique**, vol. 68, n° 2, 2004, p. 115-126. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/ingeo_0020-0093_2004_num_68_2_2939. Acesso em: 04 set. 2022.
- ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto. **Expansão Urbana de Mossoró (período de 1980 a 2004)**: geografia dinâmica e reestruturação do território. Natal: EDUFRN, Editora da UFRN, 2005.
- SALGUEIRO, Teresa. **Lisboa, periferia e centralidades**. Oeiras: Celta, 2001.
- SANTOS, Milton. Sociedade e Espaço: Formação Espacial como Teoria e como Método. **Antipode**, nº 1, vol. 9, jan./fev. de 1977.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1993.
- SILVA, Cleiton Ferreira da. A contextualização do PMCMV em uma cidade média: nova configuração territorial e impacto socioespacial no Conjunto Santa Júlia em Mossoró-RN. **Revista de Geografia** (Recife) V. 37, No. 3, 2020.
- SILVA, Kézia Anastácio Alves da; TEIXEIRA, Vanessa M. De Lacerda; SPOSITO, Eliseu Savério. Novas expressões de centralidades urbanas e a diferenciação socioespacial: um olhar através das práticas espaciais. **Geografares, [S. l.]**, v. 1, n. 33, p. 113–139, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/35452>. Acesso em: 17 dez. 2022.
- SOARES, Jamilson Azevedo. **A juventude nos enredos da cidade, da cultura e do lazer**: panis et circenses no ‘país de Mossoró’? Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Recife, 2015. 270 f.
- SOUZA, Marcus Vinicius Mariano de. **O Projeto Alpa e a produção do espaço urbano em Marabá (PA)**: a cidade-mercadoria e as desigualdades socioespaciais. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. 324 f.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: _____. (org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: [s.n.], 2001. p.609-643.
- SPOSITO, Maria E. Beltrão; GÓES, Eda Maria. **Espaços fechados e cidades**: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- SPOSITO, Maria E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: _____.; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (org.). **A cidade contemporânea**: segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013.
- SPOSITO, Maria E. B. (org.). Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos. **Projeto de pesquisa**. Presidente Prudente, 2018.
- SPOSITO, Maria E. B. Diferenças e desigualdades em cidades médias no Brasil: da segregação à fragmentação socioespacial. En: XXXVII Latin America Studies Association, 2019, Boston. **LASA 2019 Congress Papers**. Boston: LASA, v. 1. p. 1-25, 2019.
- SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria E. Beltrão. Fragmentação socioespacial. **Mercator**, Fortaleza, v. 19, junho de 2020. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e19015>>. Acesso em: 22 nov. 2022.



TEIXEIRA, Vanessa M. de L; SILVA, Cleiton F. da; PEREIRA, Cláudio S. Divisão social do espaço e fragmentação socioespacial em Mossoró/RN/Brasil. **Mercator**, Fortaleza, v. 21, nov. 2022. Disponível em:

<<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e21015>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

TRINDADE JÚNIOR, S. C; AMARAL, M. B, D; RIBEIRO, R; MALHEIRO, B. C; RODRIGUES, J. C. Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Marabá e Los Angeles. In: SPOSITO, Maria E. Beltrão. ELIAS, Denise. SOARES, Beatriz R. **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional**: Marabá e Los Angeles. Editora Cultura Acadêmica, 2016.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais nas cidades. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. (Org.). **A cidade contemporânea**: segregação socioespacial. São Paulo: Contexto, 2013. p. 17-38.